

ORÁCULOS DA CHUVA EM TEMPOS MODERNOS: MÍDIA, DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E AS TRANSFORMAÇÕES NA IDENTIDADE SOCIAL DOS PROFETAS DO SERTÃO

Renzo Taddei¹

[Publicado como capítulo do livro *Profetas da Chuva*, organizado por Karla Martins. 2006. Fortaleza: Tempo D'Imagem]

Iniciativas de desenvolvimento econômico só são capazes de reorganizar efetivamente padrões e fluxos econômicos na medida em que operam também uma reorganização de padrões simbólicos, nos diversos níveis sociais e escalas de ação em que operam. No Nordeste brasileiro, como em diversas regiões do planeta, formas de vida ligadas ao campo têm sofrido alterações em suas identidades sociais, ganhando rótulos como “folclore” ou “tradição”. Este texto buscará entender como este processo afeta o conhecimento popular rural sobre o clima e o meio ambiente no Nordeste, em especial no que tange às transformações identitárias sofridas pelos indivíduos que realizam prognósticos de chuvas nesta região semi-árida. Desta forma, sugerimos aqui não ser possível entender de forma integral o fenômeno dos chamados “profetas da chuva do sertão” sem uma análise do pano de fundo político-econômico em que este se desenvolve.

I.

O discurso do desenvolvimento econômico fez-se presente no Ceará, de uma forma ou de outra, durante todo o século 20; mas foi com a chegada de Tasso Jereissati ao poder do Estado, em 1987, que transformações econômicas mais contundentes se fizeram sentir, com seus impactos simbólicos correspondentes. Sob a égide do discurso da modernidade, a industrialização e o desenvolvimento do turismo transformaram-se nas metas prioritárias de ação estatal. No entanto, este novo direcionamento econômico trouxe consigo o potencial para a exacerbação de uma série de conflitos. O desenvolvimento industrial do Estado, dentro de um panorama de competição entre os Estados da região pela atração de investimentos privados, implicava a necessidade da criação de formas seguras para o abastecimento de água para os pólos industriais localizados na região metropolitana de Fortaleza. Mas água no sertão nordestino é literalmente a riqueza na sua forma potencial, e o

¹ Doutor em antropologia pela Universidade de Colúmbia (Nova York). Pesquisador do Instituto Comitatus para Estudos Antropológicos (CIFAS), e do Instituto Internacional de Pesquisas sobre Clima e Sociedade (IRI) da Universidade de Colúmbia. Esta pesquisa foi financiada, em diferentes momentos, pelo CNPq, Wenner-Gren Foundation, CIFAS, e IRI. Versão anterior deste artigo foi apresentada na VI Reunião Antropológica do Mercosul, em Montevideo, em 17 de novembro de 2005. Email do autor: taddei@iri.columbia.edu.

transporte de grandes quantidades de água, do interior para a Capital, não apenas reduz a capacidade de geração de riquezas no interior como gera descontentamento em massa junto à população rural. Ainda que apenas uma minoria dos produtores rurais do Ceará tenha acesso à irrigação, o peso simbólico das ações estatais, ao privilegiar o setor industrial e de serviços e manifestar de forma clara seu pouco apreço pela agricultura familiar, faz-se sentir por toda a população. A legislação estadual foi alterada em 1992, e a indústria passou a ter prioridade sobre a agricultura no uso das águas do estado. Da mesma forma, enquanto o investimento na criação de mais açudes e canais levando água para a região metropolitana atinge a ordem dos bilhões de reais, os programas de distribuição de sementes resistentes à escassez de chuva e o seguro-safra são iniciativas pouco eficazes, a despeito de envolverem uma ordem muitíssimo menor de recursos², sendo recorrentemente criticadas pelos pequenos produtores rurais da região.

Em termos simbólicos, este conflito entre o governo e a população rural insere-se em dois processos históricos importantes. De um lado está o processo de redemocratização da década dos oitenta, em que a reconstrução da ordem democrática e da economia nacional transforma-se no metadiscurso com o qual as diversas narrativas locais foram obrigadas a dialogar nas décadas seguintes. Naquele contexto, passado recente e futuro idealizado eram representados como pólos opostos na simbologia política do momento. *Atraso* e *subdesenvolvimento*, entendidos em oposição a *modernidade* e *progresso*, ganham novos significados: são termos ambíguos em sua significação, mas poderosos em sua capacidade de apelo emocional³, servindo de instrumento semiótico para que grupos políticos locais os projetem sobre as realidades com as quais convivem. No Nordeste brasileiro, a agricultura familiar, o subsídio e a ajuda governamental são representados como símbolos do atraso; e a indústria, o turismo, o agronegócio para exportação, a competitividade mercadológica e a auto-sustentabilidade transformam-se em símbolos da modernidade. Neste contexto, destacam-se os grupos que são capazes de fazer uso mais politicamente eficiente do poder simbólico dessa idéia de modernidade. A pervasividade da idéia do moderno como futuro desejável, ainda que este futuro não estivesse explicitado em seus detalhes na maioria dos discursos, fossem eles de direita ou de esquerda, dificultou sobremaneira a articulação dos que eventualmente se sentiram negativamente afetados pelos processos reais de modernização. Poucos políticos do sertão, por exemplo, ousaram manifestar-se contra iniciativas modernizadoras; mais eficiente foi adaptar os sentidos da idéia de modernização para suas realidades particulares. No caso do Ceará, a

² No programa Hora de Plantar/Planta Ceará, em que sementes selecionadas são distribuídas e pagas com produção após a safra, os agricultores reclamam sistematicamente que a distribuição ocorre de forma tardia. Nos programas de seguro-safra, os agricultores recebem seis parcelas de cinquenta reais caso a perda de safra chegue a 60%. No governo Lula a gestão deste programa foi transferida ao governo federal. Em situações como essas, encontra-se com frequência famílias inteiras de agricultores que vivem apenas da aposentadoria rural dos idosos, constituída de um salário mínimo mensal. No Ceará, a pobreza atinge mais de 70% da população rural; dados oficiais mostram que a *renda média* da população rural encontrava-se *abaixo* da linha de pobreza nacional em 1999 (IPLANCE 2002).

³ Trata-se do que Ortner chamou de *símbolos sumarizantes* (ORTNER 1973).

participação nos mercados internacionais, através da industrialização ou mesmo do agronegócio voltado à exportação, foi apresentada como único caminho viável para o desenvolvimento econômico do estado⁴.

Por outro lado, os diversos realinhamentos econômicos ocorridos no Brasil, ao longo de sua história, sempre se fizeram acompanhar de transformações simbólicas. No Nordeste brasileiro, a perda de poder político e econômico das elites locais em arenas nacionais, ocorrida na primeira metade do século 20, gerou uma série de discursos compensatórios. Surgem representações estereotípicas, entre elites e intelectuais locais, em que o nordestino é visto como indivíduo “macho”, endurecido pela peleja constante contra o meio, mas também honrado e fiel às suas tradições, em oposição ao desenvolvimento de novas formas de vida urbana, vistas como desvirilizadoras da sociedade (FREYRE 1959, ALBUQUERQUE JUNIOR 2003). Mas ao mesmo tempo as capitais do Nordeste também se desenvolviam como centros urbanos, administrativos e acadêmicos. O século 20 foi o grande século da tecnocracia nordestina, em que o positivismo cientificista coloca-se à disposição dos governos na busca de solução para o problema das secas. No Ceará, engenharia e política estadual misturam-se no decorrer da história: a sede do Departamento Nacional de Obras Contrás as Secas é instalado em Fortaleza; a partir da década de 1970, surgem esparsos projetos de irrigação no sertão. Mais tarde, empresas de extensão testarão sementes híbridas, agências meteorológicas tentarão a produção artificial de chuvas, mais e mais açudes serão construídos⁵. É ao longo deste panorama, então, que a população rural produz discursos de resistência ao que é visto como interferência governamental em assuntos locais. Em narrativas populares encontradas na *performance* de repentistas, em cordéis, ou mesmo na forma de anedotas, estes esquemas sofisticados são ridicularizados. Técnicos do governo são alvos do humor popular, como na célebre anedota do jegue e do meteorologista⁶ (ver FINAN 1998, TADDEI 2004, 2005). A forma preferencial de polarização dos agentes envolvidos faz referência ao mundo urbano em oposição ao mundo rural, numa eufemização característica da forma como estes discursos de

⁴ Em situações mais complexas, como o deslocamento populacional causado pela construção de grandes açudes (GAMBOGGI 2004), estas grandes obras eram apresentadas como a “redenção do semi-árido”, ainda que a maior obra de engenharia ligada à construção de canais de distribuição de águas não estivesse direcionada às localidades com problemas históricos de falta de água, mas à região metropolitana.

⁵ No presente momento, o governo tenta, ainda sem sucesso, a introdução de formas “modernas” de gestão de água, como licenças para o uso da água dos rios e a cobrança pelo uso da água não-tratada de rios e açudes. Discutem-se, nos escritórios do Banco Mundial e nos departamentos de engenharia hidráulica ao redor do país, as virtudes e vicissitudes da adoção de estruturas de mercado como forma eficiente de gestão de água.

⁶ A anedota, em sua versão mais comum, é a seguinte: “Técnicos da agência meteorológica estadual pedem hospedagem na casa de sertanejo para passar a noite. O dono da casa, senhor idoso, oferece um quarto aos técnicos, que dizem preferir o alpendre, onde instalariam suas redes. O senhor diz que choverá durante a noite; os técnicos olham para o céu estrelado e dizem que isso é impossível. O senhor então entra e tranca a porta. No meio da noite, é acordado pelos técnicos a golpear a porta durante o temporal. Na manhã seguinte os técnicos perguntam ao senhor como este sabia a respeito da chuva. Este aponta um jegue parado à frente da casa: ‘estão vendo esse jegue, que não tem uma das orelhas? Pois quando ele vai dormir embaixo daquela latada ali, é porque vem chuva. Ele não gosta que água entre em seu ouvido? Moral da história: mais vale um burro meteorologista que um meteorologista burro’”.

resistência são produzidos (SCOTT 1990, BOURDIEU 2002). O cidadão urbano, por não possuir experiência vivencial dos ritmos e ciclos da natureza, é visto como incapaz de falar sobre o mundo rural de forma legítima. Talvez em nenhum outro lugar este argumento esteja tão bem desenvolvido que no célebre poema *Cante lá que eu canto cá*, de Patativa do Assaré (ASSARÉ 1956).

II.

Uma das questões mais marcantes em relação ao choque das representações de mundo características dos meios urbano e rural diz respeito a questões fenomenológicas, a formas como a vida social está organizada em termos de tempos e espaços. Para a população rural ligada à agricultura, os ciclos naturais são o grande sincronizador dos tempos coletivos. No Nordeste setentrional, as chuvas estão concentradas em poucos meses, na primeira metade do ano. Em geral estas chuvas são o justo e suficiente para uma safra agrícola, exceto em anos de seca, que ocorrem numa média de 20 a 30% dos anos. O produtor precisa, desta forma, usar toda a chuva disponível, o que o leva a repetir o plantio – perdendo as sementes nas primeiras chuvas da estação, que em geral não duram muito - até que a estação de chuvas se consolide. Perder sementes é ruim, mas perder chuva é muito pior. Neste contexto, a capacidade de prever as chuvas – ou mais precisamente, quando se iniciarão, como serão em intensidade, e se ocorrerão períodos de estiagem no meio da estação, os chamados “veranicos” – é habilidade muito apreciada, como sempre o foram na história da humanidade, gerando o desenvolvimento de técnicas as mais variadas de previsão climática, das quais a ciência meteorológica é a caçula. Entre a população rural do sertão nordestino, em geral grande parte das pessoas conhece uma técnica ou outra de previsão. As técnicas mais populares são a observação do comportamento e ciclo reprodutor de animais, insetos e aves, da aparência de estrelas, das cores do sol e do horizonte em momentos específicos do calendário católico, da direção de que sopram os ventos, ou o uso de formulas em que períodos da estação seca representam meses da estação de chuvas vindoura (TADDEI 2005). Tais conhecimentos atravessaram gerações, ensinados aos jovens pelos mais velhos. Um elemento fundamental na legitimação destes conhecimentos é a experiência acumulada de quem faz as observações e comunica os resultados, o que faz da população mais velha um segmento preferencial para a elaboração de prognósticos. Surge então a figura do ancião capaz de prognosticar as chuvas futuras, presente com freqüência em cada comunidade, senão em cada família. Naturalmente, aqui não se aplica a organização de conhecimentos no estilo das disciplinas ocidentais: o ancião experiente prevê a aproximação das chuvas, trata das pessoas e dos animais através de remédios caseiros fabricados a partir de raízes e plantas locais, tira quebrantos e maus-olhados através de rezas e rituais que mesclam catolicismo com outras tradições cosmológicas. João Ferreira de Lima, famoso nos sertões

de Quixadá, diz-se capaz de prever, através da forma como seu coração palpita, até os dias em que convém não sair de casa, ou nos quais viagens longas devem ser evitadas.

III.

A “profetização” das chuvas insere-se nas tradições de messianismo na região Nordeste, e do poder incontestado da simbologia religiosa dentro da forma como a população vivencia o meio ambiente, uma relação marcada por forte sensação de ansiedade. É a “certeza da seca no segundo semestre e a dúvida da chuva no primeiro”, como diz a população local. No entanto, o fenômeno presentemente chamado de os “profetas do sertão” possui características muito peculiares do momento atual de transformações sociais por que passa o sertão nordestino. Constitui-se, num certo sentido, de uma transformação midiática da tradicional prática de prognóstico de chuvas pela população sertaneja. Ainda que sempre tenham existido indivíduos com a função de realizar prognósticos para suas comunidades, a existência de profetas-celebridades, da forma como encontramos atualmente no Sertão Central do Ceará, nos sertões do Seridó, ou nos sertões de Pernambuco, é um fenômeno relativamente recente.

Basta analisar a transformação nas formas de distribuição social dos prognósticos populares. Historicamente, a disseminação de prognósticos deu-se preferencialmente de forma verbal e dentro de certos limites geográficos. Isto se deve principalmente a dois fatores: as altas taxas de analfabetismo da população rural, e o fato de que os regimes de chuva são bastante variados dentro do Nordeste brasileiro, fazendo com que a validade espacial de um prognóstico seja limitada. Houve em algumas localidades, como na região do Cariri, a prática da impressão de almanaques populares em que prognósticos acompanhavam previsões astrológicas, rezas, curiosidades, notícias, e assuntos diversos (RIOS 2003). Alguns prognósticos foram impressos também em forma de *folhetos* (também chamados de *cordéis*). Mas eram as feiras semanais e as reuniões de grupos religiosos, políticos, esportivos, ou de associações e cooperativas, os meios mais comuns de disseminação de prognósticos.

O advento do rádio foi o primeiro impacto na forma como a atividade de prognosticar as chuvas definia a identidade social dos que o faziam. O rádio, como mídia de comunicação de massa, potencializou a disseminação de prognósticos, mas o alcance limitado das emissões manteve ainda os prognósticos restritos aos seus enclaves geográficos específicos. O que as transmissões de rádio fizeram foi dar um grau inédito de visibilidade aos indivíduos extrovertidos o suficiente para aí veicularem seus prognósticos. A própria edição dos programas de rádio recorta a atividade de prognóstico das chuvas do seu grupo de atividades inter-relacionadas (ou seja, como parte de um conjunto complexo de formas de vida no campo), e cria-se então o “profeta das chuvas”, o

especialista em prognósticos climáticos, que passam a relacionar-se com a comunidade de forma diferenciada, sendo procurados por pessoas de fora de seu círculo habitual. O rádio como fonte de notícias desloca de seu lugar social original o indivíduo que elabora prognósticos e é capaz de administrar as demandas sociais impostas pela comunicação massiva. O profeta é o indivíduo que faz prognósticos e sabe ser pessoa pública, no sentido criado pelo impacto social dos meios de comunicação, ou seja, para além das fronteiras da comunidade. Além disso, a disseminação ampla de prognósticos cria também a distribuição de expectativas: os elaboradores de prognóstico sofrem então cobranças a respeito de prognósticos que não se materializaram, o que faz com que muitos se afastem das rádios e de projeções sociais acentuadas. Passa a haver aqui um sutil mecanismo de distinção: a mídia transforma indivíduos *conhecidos* por elaborarem prognósticos em *profetas reconhecidos*, funcionando como forma de ratificação do *status* diferenciado do indivíduo enquanto produtor de diagnósticos. Desta forma, enquanto quase toda a população rural acima de certa idade sabe fazer alguma forma de prognóstico, profetas são apenas os que dominam as *performances* necessárias para que sejam reconhecidos enquanto tais.

IV.

Inserimos agora nesta discussão a reunião anual de profetas populares, realizada na cidade de Quixadá, desde o ano de 1997. A reunião ocorre no segundo sábado de janeiro de cada ano. Segundo Hélder Cortez, idealizador do evento e organizador de todas as suas edições, o evento teve, no momento de sua concepção, dois objetivos principais: fornecer aos comerciantes do município um prognóstico de chuvas que possibilitasse seu planejamento comercial, dado que boa parte do comércio local está diretamente ligada à agricultura; e enviar ao governo a mensagem de que o uso de prognósticos científicos para a decisão do melhor momento para a distribuição de sementes selecionadas desconsiderava os conhecimentos locais sobre o clima produzidos pelos próprios produtores⁷. De forma geral, a reunião tem como fim último a veiculação dos prognósticos produzidos por profetas da chuva em diversos níveis de alcance comunicacional: o público presente é basicamente a mídia local e estadual, e recentemente a reunião ganhou a atenção da mídia nacional. Além da presença das diversas equipes de TV, rádio e jornalismo impresso, estão comumente presentes também autoridades locais, estudiosos e interessados.

Tomemos as reuniões de 2004 e 2005 como referência para análise. A reunião tem, de forma aproximada, a seguinte estrutura: após a reza coletiva da oração Pai Nosso, personalidades importantes são chamadas à mesa para seus discursos iniciais. Incluem-se aqui prefeitos e outros políticos locais, e representantes da Associação de Dirigentes Lojistas, que patrocina o evento. O

⁷ Para discussão sobre o uso de previsões científicas em programas governamentais, ver TADDEI 2004 e 2005.

meio científico é representado, segundo os organizadores, pelo Doutor Caio Lóssio Botelho, professor aposentado da UFC, que participa das reuniões desde sua primeira versão, e aí anuncia um prognóstico para a estação de chuvas que ele mesmo elabora; e pela presença de meteorologista da Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos (Funceme), que nos últimas versões do evento frustrou a platéia em função de não ter apresentado o prognóstico “oficial”, que só seria produzido duas semanas mais tarde, na Reunião Anual Internacional de Meteorologia de Fortaleza. Após a fala das “autoridades”, os profetas são chamados à frente, e um a um anunciam seu prognóstico à platéia, jornalistas e câmeras de TV presentes no auditório. Na reunião de janeiro de 2005, foram incluídos na dinâmica da apresentação dos resultados dois novos elementos: aos profetas foi solicitado que explicassem a forma como seus prognósticos foram produzidos, e que suas técnicas fossem explicitadas; e o prognóstico do ano anterior de cada profeta era lembrado, no microfone, antes que cada um anunciasse o prognóstico para o ano corrente, de forma que o auditório poderia avaliar a suposta “qualidade” do prognóstico de cada profeta. As manifestações estavam sendo gravadas em áudio pelos organizadores, e CDs com a gravação da versão anterior do evento estavam sendo vendidas durante a reunião. Durante as apresentações dos profetas, organizadores elaboravam tabela com resumo de cada prognóstico, contabilizando o número de prognósticos apontando para uma estação de chuvas “boa” ou “ruim”, preparando-se para o anúncio da contagem final, ao término do evento. Após as falas dos profetas convidados, o microfone é aberto à platéia, e não raro alguns indivíduos que não foram convidados a compor o “time” de profetas da reunião sobem ao palco e anunciam seus prognósticos. No evento de 2005, pesquisador da Universidade Federal do Ceará pediu a palavra e disse que o evento tinha grande potencial para transformar-se em atração ligada ao chamado turismo rural, contribuindo desta forma para o desenvolvimento econômico local.

V.

A reunião anual de profetas introduz na problemática aqui analisada uma grande quantidade de novos elementos. O contexto em que os prognósticos populares são tradicionalmente produzidos e veiculados é aqui radicalmente transformado, o que naturalmente muda também a identidade social de prognósticos e profetas. Inicialmente, a audiência aqui é mais heterogênea do que qualquer outra audiência com a qual profetas estejam acostumados, envolvendo a população urbana acima de tudo. De forma prática, esta população se materializa na reunião através do aparato de transmissão televisiva: câmeras, cabos, microfones, luzes, repórteres com suas formas características de vestimenta e de uso da linguagem. Alguns profetas, seguindo formas usuais de sociabilidade rural, têm a tendência de se direcionarem ao prefeito da cidade, como autoridade mais importante presente no recinto, apenas para serem constantemente lembrados que devem olhar diretamente

para as câmeras. O circo midiático é claramente intimidante para grande parte dos profetas. Em segundo lugar, a solicitação de que as técnicas sejam explicitadas, dentro do curto espaço de tempo disponível para cada indivíduo, constitui um processo de descontextualização radical do produto do conhecimento individual, e a re-emolduração deste conhecimento dentro de concepções formulaicas e mecanicistas. Muitos destes indivíduos são capazes de discorrer horas a fio sobre seus conhecimentos sobre o ecossistema local. Em terceiro, ainda que as *pelejas* sejam um tema comum e recorrente da literatura de cordel e das improvisações poéticas locais, é absolutamente incomum que profetas transformem a atividade de prognosticar o clima em duelos verbais, o que inevitavelmente acontece nas reuniões aqui analisadas: freqüentemente alguns profetas referem-se às técnicas usadas por outros como ineficientes, causando certo grau de confrontação verbal, para deleite da mídia presente.

Adicionalmente, não existe qualquer padrão estabelecido sobre como cada prognóstico deve ser elaborado, e desta forma não há sobreposição necessária no conteúdo de cada previsão: algumas se referem ao momento do início da estação de chuvas, outras ao total de chuvas a ser esperado, outras ainda falam apenas sobre a produção agrícola, fazendo apenas referência indireta sobre as chuvas. Além disso, como já mencionado, os prognósticos são feitos em lugares diferentes, o que limita a validade espacial de cada um. Desta forma, os prognósticos não são comparáveis, nem são produzidos para sê-lo.

As transformações que essa nova forma de veiculação acarreta são consideráveis. Inicialmente, a reação do público dos centros urbanos nacionais é, como seria de se esperar, bastante distinta da do público rural habitual. Ainda que a veiculação de prognósticos em programas de rádio ou cordéis e almanaques implique num certo grau de descontextualização da mensagem original, esta está estruturada de forma facilmente recontextualizável pela população rural: os regimes climáticos podem ser diferentes e um prognóstico para o Ceará não se aplica ao sertão baiano, mas não é difícil para sertanejos de qualquer lugar entender a relação intrínseca entre ciclos reprodutores de animais e a chegada de chuvas, por isso ser parte de um cabedal comum de conhecimento regional. Mesmo em Fortaleza, onde mais da metade da população atual nasceu no interior do Estado⁸, não é incomum encontrar indivíduos capazes de entender essa linguagem do campo. Já a maioria dos cidadãos dos centros urbanos do Sudeste carece da mais básica experiência vivencial da vida rural, e é, portanto, incapaz de compreender as relações fenomenológicas inseridas nestas mensagens. Na verdade, o que se vê é a tendência de associar o fenômeno dos profetas a outra classe de discursos, em que a vida rural é vista como quixotesca, deslocada no tempo, mas ao mesmo tempo romantizada e apresentada como ícone de um passado supostamente mais autêntico do que as modernidades urbanas. O jornal Folha de S.Paulo, por exemplo, referiu-se à reunião anual de

⁸ Diário do Nordeste, 21 de fevereiro de 2003.

profetas da chuva, no ano de 2004, como “quase inverossímil”.⁹ Esta representação romantizada do mundo do campo, na verdade, fornece sustentação à indústria do turismo rural, que se estende da produção de festas juninas especialmente direcionadas ao turismo nacional e internacional à multiplicação de restaurantes “regionais”, em Fortaleza, Recife, Salvador e no Sudeste, em que as paredes são de pau-a-pique e os garçons estão vestidos de caipira, produzindo o que Portis-Winner chamou de “fakelore”¹⁰ (2002). Dentro desta lógica, a reunião transforma-se num espetáculo da vida rural para públicos urbanos, e o profeta do sertão é feito ícone do mundo rural folclorizado, isto é, candidato a um processo de museificação por sociedades urbanas que não conseguem identificar outro lugar social legítimo para este tipo de prática que não dentro de um museu ou como parte de festas folclóricas¹¹.

Outro elemento presente neste processo de descontextualização do conhecimento rural é o fato de que a audiência urbana não replica a cobrança devolvida ao profeta, como na disseminação massiva dos prognósticos através das rádios rurais. O público urbano não faz qualquer uso dos prognósticos que implique em atribuição de responsabilidade – econômica ou psicológica - pelo conteúdo das previsões. O profeta não passa de uma foto no jornal, ou imagem num *take* rápido de TV, dentro de uma reportagem curiosa por seu conteúdo pitoresco. Em contrapartida, esta mesma foto do profeta, estampada no jornal de circulação nacional, é o reconhecimento último do profeta como celebridade que transcende a esfera local.

Em sumário, através de uma análise dos processos de descontextualização das práticas ligadas ao conhecimento rural sobre o meio ambiente, e sua recontextualização¹² dentro dos processos midiáticos envolvidos nas transmissões de rádio e televisivas, buscamos mostrar como a identidade dos chamados profetas do sertão, bem como dos prognósticos de chuva chamados “tradicionais”, são transformados. Este processo vincula-se à necessidade de enquadrar a população rural dentro de novas configurações de imaginário, de maneira que esteja mais em consonância com as transformações econômicas vivenciadas pela região e pelo país. O conhecimento local sobre o clima é processado – reduzido, sumarizado, confrontado internamente em busca da construção de uma coerência impossível – de modo a viabilizar decisões locais de investimento comercial e questionar o uso que o governo estadual faz do conhecimento científico. Mas é a atração de população para a cidade de Quixadá, em virtude do poder de apelo desta temática junto às população urbanas, que

⁹ Folha de S.Paulo, 18 de janeiro de 2004.

¹⁰ Aqui a autora faz um trocadilho entre as palavras inglesas *folklore*, *fake*, falso, e *lore*, conhecimento popular.

¹¹ Além dos efeitos da produção de atrações que justifiquem o turismo rural, a identidade social dos profetas da chuva sofre também o impacto da escolarização massiva das crianças e jovens, um fenômeno recente no Nordeste. A migração de jovens das áreas rurais aos centros urbanos do interior, onde as escolas estão localizadas, além dos conteúdos programáticos que claramente apresentam o conhecimento científico como superior ao popular, produzem entre os próprios jovens provenientes de zonas rurais a representação do conhecimento de seus avós como descompassados com a vida contemporânea. Ver TADDEI 2005.

¹² Sobre os conceitos de descontextualização e recontextualização aqui usados, ver BAUMAN e BRIGGS 1990.

transforma a reunião em atividade sugada para dentro do discurso do desenvolvimento econômico, aqui especificamente o ligado ao turismo rural. O profeta transforma-se em atração do circo do desenvolvimento econômico, enquanto a população rural que este supostamente representa, nos imaginários urbanos, mantém-se marginalizada no que diz respeito às formas como grupos de poder locais e nacionais pensam os rumos políticos e econômicos do País.

Maniqueísmos, no entanto, devem ser evitados. Nem profetas nem a população rural são vítimas passivas destas manobras semióticas. Uma forma de reação é a produção de discursos que representam o mundo urbano como incapaz de falar sobre o campo com autoridade e legitimidade – como no caso da piada do jegue e do meteorologista. Ainda que a existência de tais discursos não represente muito como estratégia de resistência aos avanços de um capitalismo cada vez mais escarncido sertão adentro, é o suficiente para sabotar e inviabilizar alguns projetos oficiais que dependem da cooperação dos produtores, como o programa de distribuição de sementes, por exemplo. No que se refere aos profetas, alguns aprenderam muito rápido a navegar este novo ambiente midiático em que se inserem. Chico Mariano, também da cidade de Quixadá, talvez seja o mais competente neste assunto. Ele adora controvérsia, assim como a mídia, e, portanto, a mídia o adora. Na reunião de 2005, em que a agência estadual ainda não possuía um prognóstico definitivo, ele apontou para o meteorologista aí presente e prognosticou o prognóstico da ciência meteorológica, dizendo que ele seria de boas chuvas¹³. Um meta-prognóstico, portanto. No seu discurso, Chico Mariano não é apenas capaz de prever o que a ciência vai dizer, mas também o clima dos Estados Unidos, conforme declarou a um repórter do jornal Diário do Nordeste¹⁴. Por razões como essa, a imprensa do Sudoeste chamou-o de profeta-pop¹⁵. Sem dúvida, uma verdadeira celebridade dos tempos midiáticos.

Referências bibliográficas

- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino: Uma Invenção do Falo**. Maceió: Edições Catavento, 2003.
- ASSARÉ, Patativa do (Antonio Gonçalves da Silva). **Inspiração Nordestina: Cantos de Patativa**. São Paulo: Hedra, 2003 [1956].
- BAUMAN, Richard, e BRIGGS, Charles. Poetics and Performance as Critical Perspectives on Language and Social Life. **Annual Review of Anthropology**, Vol. 19 (1990), 59-88.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- FINAN, Timothy J. **Birds' Nests, Donkey Balls, and El Niño: The Psychology of Drought in**

¹³ O prognóstico resultante do workshop climatológico de Fortaleza de janeiro de 2005 apontava, no entanto, para maiores probabilidades de chuva dentro ou abaixo das médias históricas para o estado do Ceará. As precipitações de 2005 ficaram, em geral, abaixo destas médias históricas.

¹⁴ Diário do Nordeste, 18 de setembro de 2004.

¹⁵ Folha de S.Paulo, 18 de janeiro de 2004.

Ceará, Northeast Brazil. Trabalho apresentado no Annual Meeting of the American Anthropological Association, Philadelphia, 1998.

FREYRE, Gilberto. **Ordem e Progresso.** Rio de Janeiro: Editora José Olímpio, 1959.

GAMBOGGI, Ana Laura. **Poética y política del desarrollo: recreando historia en el Sertão de Ceará.** Tese de mestrado, Universidad Autónoma Metropolitana-Iztapalapa, Departamento de Antropología, Cidade do Mexico, Mexico, 2004.

IPLANCE – Fundação Instituto de Pesquisa e Informação do Ceará. **Diagnóstico Social do Ceará.** Fortaleza: Edições Iplance, 2002.

ORTNER, Sherry B. *On Key Symbols.* **American Anthropologist**, 75:1338-1346, 1973.

PORTIS-WINNER, Irene. *Semiotics of Peasants in Transition.* Durham: Duke University Press, 2002.

RIOS, Kênia Souza. *O tempo por escrito: sobre lunários e almanaques.* In CARVALHO, Gilmar de (org.), **Bonito pra chover – Ensaios sobre a cultura cearense.** Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003.

SCOTT, James C. **Domination and the Arts of Resistance.** New Haven: Yale University Press, 1990.

TADDEI, Renzo. *Notas sobre a vida social da previsão climática – Um estudo do caso do Ceará.* In **Relatório Final do Projeto Gerenciamento Integrado dos Recursos Hídricos com Incorporação da Previsão Climática: da Informação e Previsão Climática à Redução das Vulnerabilidades às Secas no Semi-Árido Cearense, Vol. 3.** Fortaleza: IRI/FUNCEME, 2004.

TADDEI, Renzo. **Of clouds and streams, prophets and profits: the political semiotics of climate and water in the Brazilian Northeast.** Tese de doutorado, Universidade de Columbia, Nova York, 2005.



O Profeta da chuva Antonio Lima anuncia seu prognóstico durante reunião anual de profetas, em Quixadá, Ceará. Na mesa vêem-se, da direita para a esquerda, Namir Mello, meteorologista da FUNCEME; Caio L. Botelho, professor aposentado da UFC; o prefeito de Quixadá, Ilário Marques, e representantes do comércio local. Em frente ao profeta, que usa chapel negro, encontra-se Helder Cortez, organizador do evento. Foto: Renzo Taddei.